

## **Base de dados e História Indígena no Rio da Prata Colonial:**

### **Formas de mapear as relações dos grupos indígenas guaranis na fronteira**

**Clara Correia Lima Felix**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo discutir as formas como podemos utilizar base de dados como ferramenta metodológica para discutir as relações dos povos indígena guaranis com outros atores na campanha na capitania do Rio Grande de São Pedro e na Banda Oriental entre os anos de 1772 e 1800. Para tanto, nos focaremos na análise de devassas que tratam de processos de contrabando realizados nas campanhas das regiões estudadas. Com esse trabalho, buscamos debater os usos de base dados como uma forma de evidenciar os relacionamentos descritos nas fontes e revelar possíveis redes de relacionamento entre os guaranis, sejam laços familiares com os indivíduos de sua etnia, bem como outros agente atuantes na campanha.

**Palavras-chave:** base de dados; redes de relacionamento; contrabando; fronteira; parentesco

**Abstract:** This paper aims to discuss the ways in which we can use the database as a methodological tool to discuss the relations of the Guarani indigenous peoples with other actors in the countryside of the captaincy of Rio Grande de São Pedro and Uruguay between the years 1772 and 1800. For this purpose, we will focus on the reading of devassas that analyze contraband processes carried out in the countryside of the studied regions. With this work, we seek to analyze the uses of the database as a way to highlight the relationships described in the sources and reveal possible relationship networks between the Guarani, be their family ties with individuals of their ethnicity, as well as other agents active in the countryside

**Key-words:** database; network analisys; contraband; borderlines; kinship

O objetivo principal desse trabalho é discutir as formas como pode-se usar base de dados para analisar os relacionamentos construídos por indivíduos da etnia guarani (sobretudo aqueles foragidos das missões) desenvolvidos na fronteira meridional do Brasil. Para tanto, desenvolvemos o base de dados *contrabandistas*. Ela é uma base relacional, ou seja, demonstra em cada um dos registros as diversas relações entre os sujeitos estudados. Essas ligações são evidenciadas a partir do registro de “eventos” ou “ações” desses indivíduos e como elas se integram em uma rede maior de relacionamentos.

Nosso trabalho está focado em duas regiões distintas: o Rio Grande de São Pedro e a Banda Oriental entre os anos de 1772-1810. Essa região é uma área de fronteira e, por isso, temos que levar alguns pontos em consideração: em primeiro lugar, a fronteira aqui exposta não é apenas de uma delimitação gráfica mapeada, mas sim, de uma zona onde impera um tipo de relação social específica, no qual registramos relações entre diferentes grupos que compõem nossa análise. Em segundo lugar, ela não delimita à divisão imperial entre Portugal e Espanha - há três grupos (não necessariamente homogêneos) que disputam a zona estudada – espanhóis, portugueses e os grupos indígenas.

Eduardo Neuman (2004)<sup>1</sup>, ao avaliar as Guerras Guaraníticas, rebelião contra as imposições territoriais do Tratado de Madrid (1750), chama atenção para uma configuração específica da região. Segundo o autor, é uma fronteira tripartida, sendo disputada também por grupos indígenas e suas dinâmicas territoriais. No mesmo caminho, Max Ribeiro (2017) ressalta que os guaranis tinham em si uma construção histórica e identitária, construção que essa que parte também do território em que ocupam. Isso se traduz na escolha, de alguns

---

<sup>1</sup> NEUMMAN, Eduardo Santos. A Fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande- Século XVIII. In: GUAZELLI, Cezar Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo (org.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004

indivíduos, de permanecer na área, mesmo após a tomada de posse pelos portugueses, se estabelecendo em aldeamentos junto dos lusitanos.

Em um outro sentido, Jeffrey Erbig (2015)<sup>2</sup> nos atenta para as formações territoriais das *Tolderías*, compostas em sua maioria por indígenas qualificados como “infieis”: charruas, minuanos, bohanes, entre outros. Registra-se também um grande espaço de interação entre as *tolderías* e as praças, isto é, as reduções missionárias e os aldeamentos portugueses. Aqui, a o uso de base de dados pode ser muito conveniente, ao ressaltar as diferentes relações construídas entres os guaranis, os grupos das *Tolderías* e os colonos, tanto de Portugal como da Espanha.

A escolha da delimitação geográfica do recorte geográfico se dá por algumas razões. A primeira delas é disponibilidade de fontes – para o nosso estudo daremos prioridade para fontes que relatam processos criminais, as devassas (posteriormente exploraremos a razão dessa escolha). Para o ano de 1772, contamos com um documento que, a nosso ver, dialoga melhor com outros documentos posteriores, uma vez que podemos identificar os agentes encontrados nelas em outros registros. A formação de uma rede de atores específicos, citados em diversas ocorrências, nos ajuda a formar um quadro de relações que nos fornecem pistas sobre o nosso problema.

O recorte temporal também coincide uma ruptura dentro do quadro organizacional das reduções indígenas: em 1767, os jesuítas foram expulsos dos domínios espanhóis, fundando uma era que muitos identificam como decadência do empreendimento missionário. Não apenas pelo fato de que administração religiosa foi substituída por uma leiga, mas também porque, em termos populacionais, vemos um decréscimo da população reducional e as fugas têm um papel importante aqui. Os motivos são muitos: conflitos com colonos por terras, decaída da qualidade

---

<sup>2</sup> ERBIG, Jeffrey. *Imperial Lines, indigenous lands: transforming territorialities of the Río de la Plata, 1680-1800*. Tese (Doutorado) – Department of History, University of North Carolina, Chapel Hill, 2015.

de vida, entre outros. Contudo, chama-se atenção que muitos dos indivíduos Tapes<sup>3</sup> escolheram voltar para as povoações de origem.

Elisa F.Garcia (2009) <sup>4</sup> atribui esse fator a uma política de atração por parte dos portugueses com o intuito de tornar os tapes vassallos do rei de Portugal. Aqui, há uma construção de fidelidade entre os colonos da capitania de Rio Grande de São Pedro e os tapes, alianças que se tornaria frutífera em operações de contrabando e formação de redes. Max Ribeiro, no entanto, discorda da afirmação geral de que houve uma inclusão generalizada dos guaranis na sociedade riograndense. O retorno à região dos sete povos se explica, em grande parte, pelo vínculo firmado entre esses povos e o território que habitam. O autor chama atenção para táticas de reprodução social dentro dos aldeamentos portugueses e como, por meio de batismos, pôde-se verificar a preferência dos guaranis de formas esse típico de vínculos com indivíduos da mesma comunidade e não com os habitantes portugueses que habitavam a aldeia de São Nicolau.

Dito isso, para a construção do nosso problema, optamos por ressaltar a autonomia desses indivíduos na região estudada, dando especial atenção para as movimentações deles na campanha da Banda Oriental e no Rio Grande. Na construção da base, pudemos ver alguns casos sobre grupos foragidos das missões que se relacionam com indivíduos de diferentes origens étnicas. Nas fontes, vemos uma correlação muito grande entre os guaranis foragidos das reduções e os povos das *tolderías*. Seu envolvimento em roubos e tratos ilegais de

---

<sup>3</sup> Denominação que se aos guaranis que se encontravam nos Sete Povos Orientais. Sua diferenciação se dá pela construção étnica desses indivíduos, sobretudo pela interação com outros grupos. Aqui, seu papel enquanto guardiões da fronteira é importante para construção étnica é utilizados mais tarde, quando se rebelam contra o Tratado de Madrid. NEUMANN, Eduardo. Fronteira e identidade: confronto luso-guaranis na Banda Oriental, 1640-1757. **Revista Complutense de História da América**, v.26, n.7, p.73-92, jan.2000. Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/RCHA/article/view/RCHA0000110073A> Acesso em: 18.jan.2021

<sup>4</sup> GARCIA, Elisa F. **As Diversas Formas de Ser Índio**: Política Indígena e Política Indigenistas no Extremo Sul da América Portuguesa. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, p.2019. 2007.

contrabando é um problema relatado com frequência nas fontes, por isso, a ação imediata de obter maior controle sobre o espaço rural do Rio da Prata passa pelo monitoramento constantes desses grupos.

Nesse sentido, a escolha de usar como fonte devassas de contrabando é parte essencial para montar o trabalho desenvolvido. Vemos que é comum, na região, a formação de redes de relacionamento entre desiguais – visto que era uma sociedade extremamente hierarquizada – redes que serviam não apenas para concretizar projetos comerciais, mas também projetos políticos, por meio da formação de alianças entre diversos grupos distintos. É importante ressaltar também que grupos indígenas faziam parte dessa rede, uma vez que seu domínio sobre territórios, sobretudo com as *tolderías*, lhes garante um *status* diferenciado. Um exemplo disso é relação que Rafael Pinto Bandeira mantinha com os minuanos na região, casando-se, inclusive, com a filha do cacique Miguel Caraí.

Por meio das relações que regem as redes de contrabando, podemos ver redes concretas de formação de aliança – dada a natureza ilegal do empreendimento, aqueles que fazem parte tem de reafirmar sua fidelidade para com o bando, de modo a obter maior sucesso. É por isso que as devassas são instrumentos tão eficientes nesses casos, uma vez que revela redes de relacionamento que, supostamente, estariam escondidas. Muitas vezes, nos deparamos com um roubo realizado por um “peão de campo”, mas logo descobrimos a quem ele deve fidelidade e quais eram os mecanismos para que se concretizasse o roubo.

Contudo, ao falar de grupos indígenas itinerantes, nos devemos perguntar se de fato havia uma relação tão clara de amizade entre esses grupos e as famílias poderosas da região. É provável que, em seus trajetos, esses indivíduos formassem alianças de maneira a garantir sua reprodução social. A maioria dos casos que vemos nas fontes são relatos de roubos realizados por indígenas e, em boa parte deles, indígenas foragidos das reduções. O roubo poderia significar muitas coisas: a mera subsistência ou a realização de um trabalho para alguém maior.

Contudo, o fato de se associarem momentaneamente com esses grupos não significa, necessariamente, que eles faziam parte desse único grupo, ou mantinham fidelidade única.

Wilde (2009) ao falar sobre as estratégias de reprodução social guarani fora das reduções chama atenção para os vínculos que compõem o *cacicazgos* e como eles se mantêm constantes independente de seus membros estarem ou não nas reduções. Inclusive, essa ligação se estende por diferentes povos, formando uma rede que extrapola o território delimitado de um povo.

Para desenvolver essa hipótese, um instrumento metodológico muito importante foi o uso da base de dados *Contrabandistas*. A organização dela se dá maneiras distintas: temos a reunião de algumas correspondências, devassas transcritas e depoimentos realizados no processo de investigação da devassa. Contudo, de maneira a enxergar melhor as redes de relacionamento, sua estrutura principal se dá na base de “sucessos”, isto é, acontecimentos. Ela organizada da seguinte maneira: em primeiro lugar definimos um sujeito específico, por exemplo: Roque Beron, em seguida sua qualidade que, nesse caso, é comandante. Depois apontamos seu papel na operação descrita, no campo “rol do agente” que pode ser contrabandista, ou peão, ou apreensor, a depender do caso. Apontamos o local onde ocorreu o delito e aqui pode ser tanto o local descrito por uma testemunha eu viu o ato ou o lugar de apreensão da carga de contrabando. Por fim, estabelecemos um interlocutor, ou seja, uma pessoa envolvida com o primeiro agente descrito, de modo a montar as primeiras interações que compõem a rede de relacionamentos. O mesmo sucesso pode ser descrito algumas vezes para que se possa ter uma imagem mais clara dos indivíduos que fazem parte da operação como um todo. Vale dizer que a descrição de uma operação, ou o conjunto delas, nos dá uma imagem geral de um bando que atua um determinado tempo e provavelmente tem ligações com outras relatos.

Como mencionamos anteriormente, a base *contrabandistas* é uma base relacional e essa característica nos permite dialogar melhor com o tipo de fonte escolhida. Assim, para

exemplificar o esquema utilizado na base temos os seguintes campos: “qualificação do agente”; “rol do agente”, o local e, por fim seu interlocutor e seu “papel” desempenhado na ação descrita. Assim, por exemplo, temos que Cipriano Cardoso como agente, com a qualificação de “Capitão” o que lhe garante uma posição mais proeminente na hierarquia social, realizando a ação de “contrabando” e interage com Francisco da Silva, soldado, e, portanto, “inferior” à Cardoso, que não apenas é testemunha como o acompanha na ação diversas vezes. Essa mesma ação pode ser invertida e podemos colocar Francisco da Silva como “agente” principal e Cipriano Cardoso como seu “interlocutor”.

Assim, podemos ter vários níveis de interpretação referentes a uma única ação, evitando categorizar de maneira estática os agentes mencionados na base.. Leonardo Barleta e Tiago L. Gil (2014), chamam atenção para o problema da classificação dentro de uma base de dados, uma vez que, ao classificar indivíduos em categorias estáticas pode diminuir a profundidade dos relacionamentos descritos. Contudo, segundo os autores, as classificações reproduzidas na base de dados extrapolam o nível de qualificação de um sujeito como “comandante” ou “soldado”, uma vez que ao relacionar esses sujeitos, estamos, de certa forma os classificando dentro de uma rede de relacionamentos maior. Contudo, as ferramentas da base de dados, a repetição da mesma ação sob diferentes óticas nos permite atribuir profundidade a essas ações uma vez que as classificações ou categorias “êmicas” “não isentam o historiador do debate, especialmente porque estas não costumam ser unívocas, mas polissêmicas” (BARLETA, L; GIL, T, 2014 : 214)

Em adição, quando tratamos de contrabando, geralmente também temos os produtos trocados no comércio ilícito. Da mesma forma, pode-se buscar quantas vezes uma pessoa aparece em diferentes processos e, quais são os indivíduos apreendidos junto dela em um mesmo lugar. Ao adicionarmos o lugar onde se ocorre a apreensão ou onde relata-se um roubo, entendemos melhor a circularidade do contrabando e dos indivíduos que participam nele, nos

permitindo encontrar um padrão ou ainda algo fora do padrão, mas que chama atenção por algum aspecto específico. Aqui, mais uma vez, a ferramenta de busca da plataforma nos é muito útil, uma vez que podemos cruzar os sujeitos e os lugares onde sua carga foi apreendida, ou o tipo de carga apreendida em determinado lugar. Dessa forma, é possível identificar se há um lugar específico onde determinado grupo age, ou se os roubos e comércio ilícito estão, de alguma forma, relacionados com outros movimentos na campanha, como, por exemplo, a busca sazonal de mão-de-obra livre para o trabalho em estâncias.

Barleta e Gil (2014) nos chamam atenção para formas diferentes como uma base de dados pode contribuir para uma pesquisa. Segundo os autores, pode-se utilizar uma base de dados com o intuito de encontrar padrões e dados quantificáveis. Assim, para o caso de contrabando, por exemplo, podemos encontrar um padrão entre lugar de apreensão e carga apreendida. No caminho oposto, também podemos utilizar uma base de dados com o intuito de encontrar casos únicos, isto é, podemos recorrer a base com uma questão ou problema específico e, partir do cruzamento de dados, podemos obter respostas para a nossa questão.

Em vista disso, podemos dizer que, embora nossa pesquisa possa se valer de alguns dados seriados, o uso da base de dados para nosso caso específico se orienta a com base em um problema para o qual buscamos respostas. Isso, contudo, não significa que não podemos produzir dados seriáveis a partir de uma mesma base dados. Por exemplo, a partir do registro da local do contrabando, podemos montar um padrão de migração acompanhada da atividade de contrabando.

## **REFERÊNCIAS:**

BARLETA, Leonardo; GIL, Tiago Luis. Notas sobre base de dados nos estudos de elites e seus desdobramentos metodológicos: a aparente técnica do uso de informática. In: BARATA, Alexandre Mansur et al (org). *Dos poderes do Império: cultura política, redes sociais e relações de poder no Brasil do século XIX*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014, p.205-223



ERBIG, Jeffrey. *Imperial Lines, indogenous lands: transforming territorialities of the Río de la Plata, 1680-1800*. Tese (Doutorado) – Department of History, University of North Carolina, Chapel Hill, 2015.

GARCIA, Elisa F. **As Diversas Formas de Ser Índio: Política Indígena e Política Indigenistas no Extremo Sul da América Portuguesa**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, p.2019. 2007.

GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores: elites contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

RIBEIRO, Max Pereira. “*A Terra Natural Desta Nação Guarani*”: Identidade, Memória e Reprodução Social Indígena no Vale do Jacuí (1750-1801). Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, p.264. 2017

NEUMANN, Eduardo. Fronteira e identidade: confronto luso-guaranis na Banda Oriental, 1640-1757. **Revista Complutense de História da América**, v.26, n.7, p.73-92, jan.2000. Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/RCHA/article/view/RCHA0000110073A> Acesso em: 18.jan.2021

NEUMMAN, Eduardo Santos. A Fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande-Século XVIII. In: GUAZELLI, Cezar Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo (org.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004

WILDE, Guillermo. **Religión y Poder en las Misiones Guaraníes**. Sarandí: Editorial Sb, 2009

